

A DOCTRINA DA ESSÊNCIA COMO ESFERA DE MEDIAÇÃO

THE DOCTRINE OF ESSENCE AS A SPHERE OF MEDIATION

*Gabriel Rodrigues da Silva*¹

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar e analisar o que é a *Doutrina da Essência*. Por que a essência é a esfera de mediação entre a lógica objetiva e a lógica subjetiva, e sendo a própria essência incluída na lógica objetiva? Essa é a questão que nos guia. Para isso, é claro, será necessário expor de modo geral o significado de cada um dos momentos da lógica de Hegel e como eles se relacionam. Ou seja, o que são e como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva), o que são e como se relacionam os três momentos da lógico (ser, essência e conceito), e como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva) com os três momentos do lógico (ser, essência e conceito). Para alcançar nosso objetivo, analisamos algumas seções cruciais da *Ciência da Lógica* de Hegel.

Palavras-chave: Hegel. Lógica. Essência.

Abstract: The objective of the article is to present and analyze what the *Doctrine of Essence* is. Why is the essence the sphere of mediation between objective logic and subjective logic, and the essence itself is included in objective logic? This is the question that guides us. To do this, of course, it will be necessary to generally explain the meaning of each of the moments of Hegel's logic and how they relate to each other. In other words, what are and how are the two subdivisions of logic related (objective logic and subjective logic), what are and how are the three moments of logic (being, essence and concept) related, and how are the two subdivisions related of logic (objective logic and subjective logic) with the three moments of logic (being, essence and concept). To achieve our objective, we analyzed some crucial sections of Hegel's *Science of Logic*.

Keywords: Hegel. Logic. Essence.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar e analisar o que é a *Doutrina da Essência*. Para isso, é claro, será necessário expor de modo geral o significado de cada um dos momentos da lógica de Hegel e como eles se relacionam. Contudo, o enfoque será no papel exercido pela *Doutrina da Essência* na *Ciência da Lógica* de Hegel.

Aqui, desejamos responder brevemente três questões: (1) o que são e como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva), (2) o que são e como se relacionam os três momentos da lógico (ser, essência e conceito) e (3) como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva) com os

¹ Mestre (2023), Licenciado (2019) e Bacharel (2018) em Filosofia pela UNESP/FFC. E-mail: gabriel.r.silva@unesp.br. ORCID: 0000-0002-7235-2668.

três momentos do lógico (ser, essência e conceito). Para respondê-las, selecionamos algumas seções cruciais da *Ciência da Lógica* de Hegel.

Nossa análise balizou-se principalmente por seções que abrem e fecham os momentos do ser, da essência e do conceito, pois, enquanto seções que transicionam, elas revelam mais explicitamente os locais ocupados por cada um dos momentos. Assim, nessas seções de passagens, almejamos encontrar as exposições que evidenciam os níveis em que cada um destes momentos se encontra. Todavia, é preciso ressaltar que o objetivo central deste artigo não é fazer um estudo aprofundado dos momentos lógicos na lógica de Hegel, o que demandaria uma extensa pesquisa à parte, mas apenas elucidar e precisar o momento da essência em relação aos outros.

2. A caracterização inicial da lógica

No “Prefácio à primeira edição” (“Vorrede zur ersten Ausgabe”) da Grande Lógica, assinado no dia 22 de março de 1812, existe apenas uma única menção à divisão da lógica. Tal menção encontra-se no último parágrafo. Lá, Hegel afirma que a lógica divide-se em dois volumes. O primeiro deles, constitui-se pela *Doutrina do Ser*, que acabava de ser publicada, e pela *Doutrina da Essência*, considerada a segunda seção do primeiro volume, ainda não publicada (viria a ser publicada somente no ano seguinte, em 1813), mas já estava presente no horizonte de Hegel. Apesar de Hegel não nomear esse primeiro volume (constituído pela *Doutrina do Ser* e pela *Doutrina da Essência*), sabemos que se trata da lógica objetiva. O segundo volume, por sua vez, afirma Hegel, conterá a lógica subjetiva, nomeada *Doutrina do Conceito*. Todavia, nesse prefácio, não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.²

Também no “Prefácio à segunda edição” (“Vorrede zur zweiten Ausgabe”) da Grande Lógica, assinado no dia 7 de novembro de 1831, Hegel não faz qualquer menção à divisão de sua lógica e, conseqüentemente, não há qualquer elucidação sobre o que justifica a divisão da lógica em seus três momentos (ser, essência e conceito). Desse modo, nesse prefácio, também não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.³

² Cf. HEGEL, 2016, p. 29.

³ Cf. HEGEL, 2016, p. 43.

Portanto, fica evidente, que ambos os prefácios – tanto da primeira quanto da segunda edição – não fornecem material suficiente para uma análise apurada sobre o objeto de nosso interesse.

A “Introdução” (“Einleitung”) da *Ciência da Lógica*, por sua vez, divide-se em duas partes: “Conceito geral da lógica” (“Allgemeiner Begriff der Logik”) e “Divisão geral da lógica” (“Allgemeine Einleitung der Logik”). A primeira parte é consideravelmente maior, possuindo trinta e nove parágrafos, enquanto a segunda parte possui apenas dez parágrafos.⁴ Como os próprios títulos já esclarecem, a primeira parte apresenta o conceito da lógica e a segunda parte apresenta sua divisão.

Na primeira parte, Hegel não faz qualquer menção à divisão de sua lógica e, conseqüentemente, não há qualquer elucidação sobre o que justifica a divisão da lógica em seus três momentos (ser, essência e conceito). Também, nessa primeira parte, não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em objetiva e subjetiva.

Logo no início da segunda parte, Hegel nos lembra que a divisão da lógica que será indicada nas próximas páginas deve ser considerada apenas como uma indicação prévia, visto que apenas o conteúdo próprio da lógica pode justificar cientificamente e, portanto, verdadeiramente a divisão dessa ciência. Assim, Hegel é capaz de nos indicar a divisão da lógica pois, segundo o próprio, ele já percorreu o caminho dessa ciência e sabe seu percurso e resultado. Contudo, essa indicação não deve ser considerada cientificamente, mas historicamente. Ou seja, é uma divisão prévia que visa elucidar e fornecer uma visão geral aos leitores, mas não propriamente uma demonstração do conteúdo e do seu desenvolvimento.⁵

Assim, a introdução não pode e não pretende fundamentar o seu conteúdo proposto, isto é, o conceito geral da lógica e sua divisão geral. Pois, enquanto uma introdução, ela é capaz apenas de apresentar algumas explicações prévias, que visam somente introduzir os leitores aos conteúdos.

Em diversos parágrafos da introdução, Hegel faz a distinção, ainda que um pouco implícita, entre uma espécie de conhecimento histórico, discursivo, argumentativo e um conhecimento cientificamente fundamentado. A introdução encaixa-se no primeiro deles, ou seja, ao longo dela, Hegel tece algumas alegações, elucidações e reflexões que visam auxiliar os leitores no processo de compreensão do conteúdo, mas ainda de modo exterior

⁴ Originalmente, a obra não é dividida em parágrafos, mas usamos esse recurso para facilitar o processo de localização dos conteúdos e a comparação dos mesmos entre as diversas edições que consultamos.

⁵ Cf. HEGEL, 2016, p. 45.

à própria coisa. Hegel não almeja justificar a verdade do conteúdo que está afirmando a partir destas alegações, elucidações e reflexões. A verdade é justificada apenas ao longo do seu próprio percurso de exposição. Nas palavras de Hegel:

De acordo com esse método, lembro que as divisões e títulos dos livros, das seções e dos capítulos, que são indicados na obra, bem como, de certa maneira, os esclarecimentos que a eles estão relacionados, foram feitos com o propósito de um panorama prévio e que apenas têm valor histórico. Eles não pertencem ao conteúdo e ao corpo da ciência, mas são compilações da reflexão exterior que já percorreu o todo do tratamento, portanto, já sabe de antemão a sequência de seus momentos e os indica antes mesmo de eles se originarem por meio da própria Coisa. (HEGEL, 2016, p. 58).

Após esclarecer a função de uma introdução, Hegel prossegue e afirma que a oposição da consciência – entre um ente que é subjetivamente por si e um ente que é objetivamente por si – é superada na ciência lógica. Nas suas palavras: “O ser é sabido como conceito puro em si mesmo e o conceito puro é sabido como o ser verdadeiro.” (HEGEL, 2016, p. 63). Hegel considera que esses – o ser como conceito puro e o conceito puro como ser – são os dois momentos contidos e inseparáveis do lógico. Aqui, ele começa a delimitar a divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.

Segundo Hegel, com o desenvolver da ciência lógica, esses momentos – o ser como conceito puro e o conceito puro como ser – se mostram como momentos do conceito inteiro (*ganze*) e, portanto, o que há, na verdade, é o desdobramento do conceito enquanto ser e o desdobramento do conceito enquanto conceito. Ou seja, o desdobramento do conceito que *é* e o desdobramento do conceito *enquanto tal*. No primeiro momento, o conceito é em si. No segundo momento, o conceito é para si, mas sem perder o em si que fora determinado anteriormente.⁶

Entendemos que as noções de *conceito enquanto ser* e *conceito enquanto conceito* podem explicar a ausência da divisão entre lógica objetiva e lógica subjetiva na edição de 1830 da Pequena Lógica.⁷ Com isso, a divisão da lógica em objetiva e subjetiva, nos parece, mais provisória do que definitiva. É uma dicotomia que deverá ser superada.⁸

⁶ Cf. HEGEL, 2016, p. 64.

⁷ Na Grande Lógica, Hegel Aborda todos esses momentos e divisões em seus livros homônimos, os quais são: *A Doutrina do Ser*, *A Doutrina da Essência* e *A Doutrina do Conceito*. Na Pequena Lógica, os “livros” são subdivisões internas ao livro *A Ciência da Lógica*, que é o primeiro volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. Todavia, uma mudança interessante é a ausência, na edição de 1830 da Pequena Lógica, da divisão em lógica objetiva e lógica subjetiva

⁸ Um paralelo interesse dessa argumentação de Hegel é a exposição da prova ontológica de Deus nas *Lições sobre a Filosofia da Religião* (*Vorlesungen über die Philosophie der Religion*). O ponto nevrálgico da

Como se verá nas próximas páginas, Hegel dissolve a oposição entre ser e conceito. Nesse embate, que é meramente aparente, Hegel prioriza o conceito. Por isso, o conceito se desdobra em ser e o ser se mostra como conceito. O conceito que é ser e o conceito que é conceito. A partir dessa unificação, o conceito se mostra como substância única.⁹ Logo, não é preciso dividir a lógica em objetiva e subjetiva, pois a objetividade e a subjetividade da lógica são apenas momentos da unidade conceitual, que podemos chamar de conceito inteiro.¹⁰ A noção de conceito inteiro fornece a amplitude necessária para que se quebre a separação entre ser e conceito. De acordo com Hegel:

Essa unidade constitui, ao mesmo tempo, o princípio lógico como *elemento*, de modo que o desenvolvimento daquela diferença, que é imediatamente nele, apenas ocorre no *interior* desse elemento. Pois, na medida em que a divisão, como foi dito, é o *juízo* do conceito, o pôr da determinação já imanente nele e, com isso, é o pôr de sua diferença, então esse pôr não pode ser apreendido como uma nova dissolução daquela unidade concreta em suas determinações, como elas devem valer enquanto são por si, o que aqui seria um retroceder vazio ao ponto de vista anterior, à oposição da consciência; tal ponto de vista, mais precisamente, desapareceu; aquela unidade permanece o elemento e dela não sai mais aquele diferenciar da divisão e, em geral, do desenvolvimento. Com isso, as determinações que anteriormente (no *caminho para a verdade*) são por si, como um subjetivo e um objetivo ou também pensar e ser ou conceito e realidade, ou como quer que possam ter sido determinada, estão agora rebaixadas *em sua verdade*, isto é, em sua unidade, a *formas*. Em sua diferença, elas permanecem, portanto, elas mesmas *em si* o conceito inteiro, e esse é posto na divisão

exposição da prova ontológica, a saber, a unidade de conceito e ser, não apenas reverbera e ecoa discussões históricas da filosofia, mas também se faz ouvir em momentos distintos do amplo sistema filosófico de Hegel. Como vimos, Hegel desfaz a oposição da consciência entre um ente que é subjetivamente por si e um ente que é objetivamente por si, pois: “O ser é sabido como conceito puro em si mesmo e o conceito puro é sabido como o ser verdadeiro.” (HEGEL, 2016, p. 63). A oposição, que Hegel procura combater, engendra dois lados: o subjetivo, que remete ao conceito, e o objetivo, que remete ao ser. A superação dessa dicotomia se dá por meio da identificação dos lados conflitantes não apenas como contrários, mas como momentos contidos e inseparáveis do lógico e, conseqüentemente, do real. Portanto, a unidade de conceito e ser é alcançada através da noção abrangente de conceito inteiro, o qual deságua no ser a partir de sua própria significação. Não coincidentemente, a prova ontológica da existência de Deus, exposta por Hegel, segue esse mesmo encadeamento de razões, o que, por sua vez, evidencia o caráter sistemático de sua filosofia, na qual partes micros e macros se espelham em uma mesma estrutura racional. O ser não é acoplado externamente ao conceito, mas inferido por meio do conceito, que exige a inseparabilidade de ambos. A empreitada filosófica de Hegel demonstra seu sucesso com a superação das dicotomias rasas entre lógica e ontologia, conceito e ser, sujeito e objeto. A riqueza disso é justamente extirpar a pobreza do pensamento regido pela fixidez do entendimento, que somente distingue e separa, mas não atinge o real em sua unidade dinâmica.

⁹ Na transição da essência para o conceito, Hegel caracteriza o conceito como “substância absoluta” (HEGEL, 2018, p. 240), como se verá mais adiante.

¹⁰ Para mais detalhes sobre a noção de subjetividade na filosofia de Hegel e também sobre a relação entre subjetividade e objetividade, recomendamos a leitura dos, já bastante conhecidos, livros *Das Problem der Subjektivität in Hegels Logik: Systematische und entwicklungsgeschichtliche Untersuchungen zum Prinzip des Idealismus und zur Dialektik* (1976) de Düsing e *Hegels System: Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität* (1987) de Hösle.

apenas sob suas próprias determinações. (HEGEL, 2016, p. 63-64, *itálico do autor*).

A citação acima exhibe o ponto que desejamos enfatizar. A unidade do ser e do conceito, chamada de conceito inteiro, contém a objetividade e a subjetividade como partes de seu desenvolvimento interno. São formas da unidade, determinações próprias do conceito inteiro.

É importante perceber que, apesar de Hegel fazer uso dos termos “lógica objetiva” e “lógica subjetiva”, ele faz uma ressalva ao uso dos mesmos, principalmente por conta das palavras “objetiva” e “subjetiva” as quais, segundo ele, são indeterminadas e, portanto, polissêmicas. Tal indeterminidade, que é fruto tanto do uso filosófico, ao longo da história da filosofia, quanto do uso cotidiano dessas palavras, é responsável por produzir vagueza e imprecisão. Assim, entender o termo “lógica objetiva” por “lógica do conceito enquanto ser” e entender o termo “lógica subjetiva” por “lógica do conceito enquanto conceito” parece ser um modo mais adequado, que nos aproxima do projeto filosófico de Hegel e nos ajuda a compreendê-lo mais facilmente.

De acordo com Hegel, a partir da diferenciação dos momentos do conceito enquanto ser e do conceito enquanto conceito, surge a necessidade de uma esfera de mediação, que será responsável por conectá-los e dissolver qualquer lacuna que possa existir, possibilitando que haja relação entre eles. Desse modo, o que era antes dois momentos (ser e conceito) tornar-se-ão três momentos (ser, *essência* e conceito). Nas palavras de Hegel:

No entanto, de acordo com o elemento da unidade do conceito em si mesmo, [elemento] que está no fundamento e, com isso, [elemento] da inseparabilidade de suas determinações, essas determinações, na medida em que são *diferentes*, pois o conceito é posto em suas diferenças, precisam pelo menos estar em *relação* um para com a outra. Surge disso uma esfera da *mediação*, o conceito como sistema de *determinações de reflexão*, isto é, do ser que passa para o *ser dentro de si* do conceito, o qual, desse modo, ainda não é posto *como tal* para si mesmo, mas, ao mesmo tempo, está preso ao ser imediato como a algo a ele mesmo também exterior. Essa é a *doutrina da essência*, que está no centro, entre a doutrina do ser e do conceito. (HEGEL, 2016, p. 64, *itálico do autor*).

O primeiro momento (*conceito enquanto ser*) encontra sua exposição na *Doutrina do Ser*. Lá, o conceito é exposto na sua imediatidade, como o próprio ser que foi desdobrado de si mesmo. O terceiro momento, que, antes da necessidade da esfera da

mediação, era segundo momento (*conceito enquanto conceito*) encontra sua exposição na *Doutrina do Conceito*. Lá, o conceito é exposto em seu retorno a si mesmo, como o próprio conceito que originou o início de todo o percurso, ainda que implicitamente presente, iniciado na esfera do ser, com o ser puro e seus desdobramentos seguintes – ser, nada, devir, ser aí etc., perpassando a esfera da essência, com suas mediações reflexivas – e que agora retorna a si e se vê como o produto que gerou o início, o meio e o fim do processo lógico.

Conforme vimos anteriormente, a *Doutrina do Ser* e a *Doutrina da Essência* constituem-se como os volumes que compõem a lógica objetiva. A *Doutrina do Conceito*, por sua vez, constitui a lógica subjetiva. O fato do conceito enquanto ser estar exposto na *Doutrina do Ser* é algo mais compreensível, assim como o fato do conceito enquanto conceito estar exposto na *Doutrina do Conceito*. Pois o conceito enquanto ser é o conceito que é (objetividade, em si) e o conceito enquanto conceito é o conceito que é retornado e reconhecido (subjetividade, em si e para si).¹¹ Mas por que a esfera da mediação, exposta na *Doutrina da Essência*, é essência? O que isso significa? Por que ela ainda faz parte da lógica objetiva?

Assim como a *Doutrina do Ser* é o conceito enquanto ser, a *Doutrina do Conceito* é o conceito enquanto conceito, a *Doutrina da Essência*, define Hegel, é o conceito enquanto sistema de determinações da reflexão. Com isso, Hegel quer dizer que o ser, da *Doutrina do Ser*, passa para o ser dentro de si mesmo. Hegel justifica a presença da esfera da essência, exposta na *Doutrina da Essência*, na lógica objetiva afirmando que o caráter do sujeito, relativo à lógica subjetiva, compete somente ao conceito. Em suas palavras:

Na divisão geral dessa obra lógica, ela ainda [*Doutrina da Essência*] foi colocada sob a lógica *objetiva*, na medida em que, embora a essência já seja, com efeito, o interior, o caráter do *sujeito* tem de ser reservado expressamente ao conceito. (HEGEL, 2016, p. 64, itálico do autor).

Segundo Hegel, apesar da essência ser o interior, o ser que adentrou dentro de si, ela ainda não é subjetividade e, além disso, ainda está presa ao ser imediato da *Doutrina do Ser* e, portanto, está presa a algo exterior a ela mesma. Assim, apesar de buscar

¹¹ Nas palavras de Novelli: “O terceiro livro da Ciência da Lógica considera o sujeito. O mundo, o real, está aí para um outro que não ele mesmo. A imediatidade do mundo, das coisas, cede lugar à sua estruturação no conceito. A objetividade não se dá por si, mas precisa ser mediada por um eu que ultrapassa os conteúdos da experiência como simples intuições. Contudo, esse eu ordenador não é o que põe o objeto segundo seus “moldes” de sujeito, mas que apreende o objeto em si. A organização empreendida pelo sujeito é a sistematização do oferecido pelo objeto.” (NOVELLI, 2021, p. 197).

ultrapassar a esfera do ser, por meio de um movimento de interiorização, a *Doutrina da Essência* ainda encontra-se relacionada à esfera anterior. Cada um dos seus movimentos de interiorização é um movimento que refere-se ao seu momento anterior (ser), portanto, é concomitantemente um movimento de exteriorização.¹² Ou seja, sendo uma esfera de mediação, a *Doutrina da Essência* está no meio e, portanto, relaciona-se com os dois momentos (ser e conceito) que, em uma visão inicial e parcial, aparentam ser antagônicos. Mas, a partir de uma análise mais pormenorizada, vê-se que estes momentos são complementares.

3. A lógica de Hegel em relação à lógica de Kant

Hegel faz três interessantes comparações sobre sua lógica objetiva (ser e essência) que nos ajudam a compreender o que justifica as divisões de sua lógica. Primeiro, ele afirma que a lógica objetiva corresponde em parte à lógica transcendental de Kant. Segundo, ele afirma que a lógica objetiva entra no lugar da antiga metafísica e da metafísica restante¹³. Por último, Hegel afirma que a lógica objetiva é a crítica verdadeira das determinações do pensar. Crítica esta que, segundo Hegel, Kant pensou haver elaborado. A importância da relação da lógica de Hegel com a lógica de Kant fica evidente a partir dessas afirmações de Hegel. Por isso, julgamos interessante abordar, ainda que brevemente, esse conteúdo.

Visando elucidar, de modo breve, as comparações traçadas por Hegel, investigamos, em outro lugar, a aparição e o uso técnico de dois termos fundamentais nesse contexto.¹⁴ A saber: “lógica” e “metafísica”. Essa investigação nos pareceu importantíssima pois, ao precisar as comparações traçadas por Hegel, entendemos como ele relaciona sua filosofia com as filosofias precedentes, especialmente com a filosofia crítica de Kant e com as metafísicas anteriores. Esse movimento nos ajudou a vislumbrar o local ocupado e afirmado historicamente pela filosofia de Hegel, visto que ao apontar como entende as filosofias precedentes, seus pontos positivos e seus pontos negativos, ele expõe suas próprias posições filosóficas, suas concordâncias e discordâncias e as tarefas

¹² Cf. NOVELLI, 2021, p. 286.

¹³ De acordo com Ross: “A metafísica é a forma da filosofia que busca nos trazer o conhecimento da natureza fundamental da realidade por meio, pura e simplesmente, dos argumentos conceituais; mais do que um simples ramo da filosofia, tem sido, de fato, reconhecida como seu cerne, *prima philosophia*, porque estabelece os conceitos fundamentais, básicos, determinantes de nossa compreensão paradigmática do mundo.” (ROSS, 2021, p. 48, itálico do autor).

¹⁴ Cf. SILVA, 2023.

que se propõe a resolver. Isso nos ajuda a precisar as relações entre a lógica objetiva, a lógica subjetiva e os momentos lógicos (ser, essência, conceito), que é nosso objetivo aqui.¹⁵

Apresentamos, portanto, o modo como Hegel define esses modelos de lógica, visto que essas definições nos ajudam a alcançar nosso objetivo, isto é, elucidar a *Doutrina da Essência*. Hegel menciona três modelos de lógica: (1) a lógica segundo a visão comum, habitual de sua época, (2) a lógica transcendental elaborada por Kant e (3) a lógica objetiva, que, como vimos, faz parte de sua própria lógica, exposta na *Ciência da Lógica*.

O primeiro modelo de lógica – segundo a visão comum, habitual da época de Hegel – pressupondo uma separação entre forma e conteúdo, entende a lógica como meramente formal, pois seu estudo dirige-se às formas subjetivas do pensar. Estas formas, por sua vez, não estão diretamente relacionadas ao conteúdo, visto que a verdade estabelecida pela lógica formal ou geral, é somente a validade da forma, mas não do conteúdo que será contido na forma. Assim, por exemplo, estudamos os raciocínios válidos abstraindo os seus conteúdos e substituindo-os por signos que não se relacionam com a verdade e com a realidade objetiva.

O segundo modelo – a lógica transcendental – é apenas brevemente mencionado por Hegel. Assim, o modo como ele a entende não fica evidente. Todavia, para Kant, a lógica geral é essencialmente formal, o conteúdo do conhecimento não entra em seu escopo. A lógica transcendental, por sua vez, refere-se às estruturas que possibilitam o nosso conhecimento. Assim, ela não está integralmente desvinculada do conteúdo.

O terceiro modelo – a lógica objetiva – supera, segundo Hegel, tanto a separação entre forma e conteúdo, pressuposta na lógica formal, quanto ao subjetivismo inerente à lógica transcendental que, apesar de estar se referindo ao conteúdo do conhecimento, este, por sua vez, é apenas fenomênico.

Desse modo, as formas estudadas pela lógica objetiva relacionam-se com o conteúdo do conhecimento. A supressão da dicotomia forma e conteúdo, almejada por Hegel, é parte essencial da sua *Ciência da Lógica*, que pretende inserir a metafísica na

¹⁵ O material alcançado através do desenvolvimento histórico da metafísica e da lógica precedentes, as formas do pensamento (Denkformen) já conhecidas e suscitadas por ambas as ciências, não são descartadas, mas, ao contrário, são consideradas por Hegel como um importante modelo (Vorlage), como uma condição necessária (notwendige Bedingung) e como uma pressuposição (Voraussetzung) para o desenvolvimento do seu empreendimento, mesmo que este material seja, em alguns casos e sobre alguns aspectos, apenas “ossos inanimados de um esqueleto” (HEGEL, 2016, p. 31), isto é, conteúdos repetidos e mortos que não mais possuem valor.

lógica. Ou seja, ao afirmar que as determinações do pensar e as determinações das coisas são as mesmas, Hegel está afirmando que aquilo que é estudado pela lógica e aquilo que é estudado pela metafísica é o mesmo.. Ainda que a lógica seja, segundo Hegel, o sistema da razão pura, que, em um primeiro momento, parece algo apenas subjetivo, ela não se desvincula do âmbito objetivo, pois a separação entre o subjetivo e o objetivo, o pensamento da coisa e a coisa em si, é interior à própria consciência.

A partir da filosofia de Kant, que ao mesmo tempo limita a origem do conhecimento humano pelas estruturas cognitivas do sujeito, mas também postula uma coisa em si, que se encontra fora da possibilidade de ser conhecida pelo sujeito, Hegel segue sua argumentação para radicalizá-la. Ou seja, Hegel leva a argumentação de Kant às últimas consequências e nela constata um erro. Portanto, se, segundo Kant, não podemos conhecer algo que ultrapasse nossas estruturas cognitivas, não poderíamos, segundo Hegel, postular a existência de uma coisa em si, fora de nós, inacessível, incognoscível, diferente daquilo que nós já conhecemos da coisa, como faz Kant.

4. Do ser para a essência

A partir das concepções de lógica objetiva e lógica subjetiva podemos analisar a primeira transição entre as esferas lógicas, a saber, a passagem da esfera do ser para a esfera da essência. O capítulo final da *Doutrina do Ser*, nomeado “O devir da essência” (“Übergang in das Wesen”), é responsável por efetuar a transição para o próximo momento da lógica: o momento da essência. Nele, o conceito analisado é a indiferença absoluta, esta “é a última determinação do *ser*, antes de ele se tornar a *essência*” (HEGEL, 2016, p. 412, itálico do autor).

A indiferença absoluta ainda pertence à esfera do ser, pois, segundo Hegel, ela é determinada como indiferente. Com isso, a diferença permanece, para ela, uma determinação externa e, portanto, quantitativa. De acordo com Iber:

No fim da lógica do ser, com a indiferença absoluta, resultou uma categoria na qual a negação se relaciona a si mesma, na qual o ser negou todas as suas determinações, de tal modo que elas certamente ainda estão frente a ela como exteriores. (IBER, 2015, p. 61).

O movimento final do ser é adentrar em si mesmo, buscando, com isso, um alicerce firme, que não é mais encontrado em sua esfera. Ao final da *Doutrina do Ser*, as

coisas estão rebaixadas, elas são apenas estados evanescentes de um substrato comum subjacente. O alicerce buscado é justamente a essência que tornar-se-á a base que mantém a substancialidade do ser.¹⁶

Na esfera do ser, lidamos com a imediatidade, com o ser em sua imediatidade. Na esfera da essência, lidamos com a verdade do ser, isto é, o ser é pensado, mediado e determinado.¹⁷ Aqui, a “verdade do ser” pode ser entendida do seguinte modo: se a essência é a verdade do ser, logo a essência é o que gera o ser, não o contrário. Assim, o ser seria resultado da essência. Pode parecer que essa noção é contrária ao caminho percorrido nos livros da *Ciência da Lógica*, visto que o ser é o que aparece primeiro, depois a essência e somente depois será a vez do conceito. Mas, se entendermos que Hegel está buscando a unidade entre o todo e as partes, então, entenderemos que o que aparece depois explica, desenvolve e fundamenta o que veio antes.

Tal processo pode ser elucidado com a ideia de investigação filosófica expressa por Hegel. A investigação filosófica parte de pistas, indícios ainda iniciais, simples, que pouco a pouco nos levam cada vez mais àquilo que há de verdadeiro. A essência é a verdade do ser, pois o ser não foi capaz de explicar-se por si mesmo e necessitou recorrer a outro domínio que pode explicá-lo verdadeiramente, este é a essência. Nesse sentido, ela é mais complexa e mais verdadeira que ele. Todavia, embora a essência vá além do ser, isto é, explicando-o, dando-lhe razão, ela não se torna independente dele, visto que é por meio dele que a alcançamos.¹⁸

A esfera do ser é marcada pela diferença imediata que distingue as coisas, como algo e outro. A questionabilidade da imediatidade, que separa bruscamente, leva-nos à esfera da essência. De acordo com Houlgate:

No entanto, à medida que a doutrina do ser prossegue, esse imediatismo é progressivamente solapado. De fato, ao final desta primeira parte da

¹⁶ Apesar de não tratarmos precisamente dessa interpretação aqui, Henrich descreve o processo de transição do ser para essência como um processo de deslocamento de significado (*Bedeutungsverschiebung*). Cf. HENRICH, 1971, p. 105. Essa ideia nos parece bastante interessante, pois ela explicita o questionamento sobre do que se trata cada uma das esferas lógicas, isto é, quais os significados da lógica do ser, da essência e do conceito.

¹⁷ Cf. BERTI, 2013, p. 295. Posteriormente, essa “verdade” se mostrará parte de algo mais amplo e ainda mais verdadeiro, como veremos na esfera do conceito.

¹⁸ Nesse aspecto, pensamos que nossa interpretação parece concordar com a de Henrich. Cf. HENRICH, 1971, p. 108. A ideia geral é que, apesar de alcançarmos a essência por meio do ser, ela o precede. O ser é porque há essência. O mesmo processo ocorrerá em relação ao conceito. A essência é porque há conceito. Como vimos, o conceito se mostrará, ao final, como aquilo que se desdobrou em ser e essência. Pensamos que há dois percursos nesse processo: um desdobramento lógico e um desdobramento epistemológico. Logicamente, a essência fundamenta o ser, assim como o conceito fundamenta a essência. Epistemologicamente, nós chegamos à essência por meio do ser, ou seja, este é “primeiro”.

Lógica, o ser revela-se a esfera em que, afinal de contas, não existe um simples imediatismo. (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor, tradução nossa).¹⁹

Observamos que a instabilidade, encontrada ao final da esfera do ser, exige que se busque um novo chão, onde o real pode se firmar. Tal busca gera um adentramento nos conteúdos lógicos e, assim, a perspectiva é alterada. A essência será justamente essa nova camada, que é definida pela relacionalidade e pelas “raízes comuns” dos conceitos.²⁰ Nas palavras de Cirulli:

[...] uma tarefa crucial da Essência deve ser mudar sua própria noção de uma determinação (a característica de qualquer categoria cuja relação explícita com a alteridade era apenas *implicitamente* uma auto-relação completa) em uma noção ‘particular’ – a de uma estrutura limitada na qual, no entanto, o todo se estabelece como um todo. (CIRULLI, 2006, p. 6, itálico do autor, tradução nossa).²¹

Na esfera da essência o real encontra abrigo, ainda que provisoriamente, antes que perceba que sua verdadeira casa é o conceito.

5. Da essência para o conceito

Agora, nos concentramos na segunda transição entre as esferas lógicas, a saber, a passagem da esfera da essência para a esfera do conceito. O capítulo final da *Doutrina da Essência*, nomeado “A relação absoluta” (“Die Wechselwirkung”), é responsável por efetuar a transição para o próximo momento da lógica: o momento do conceito.

Nessa passagem, a partir da interação entre a causa e o efeito surge a identificação entre ambos. Na medida em que se identificam, a causa e o efeito perdem sua

¹⁹ No idioma original: “Yet as the doctrine of being proceeds, this immediacy is progressively undermined. Indeed, by the end of this first part of the *Logic* being proves to be the sphere in which there is in truth no simple immediacy after all.” (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor).

²⁰ Cf. CIRULLI, 2006, p. 4. Segundo Houlgate: “Categorias qualitativas, como algo e outro, são inicialmente entendidas como imediatamente distintas. Agora se torna aparente, no entanto, que na verdade não há imediatidade simples na esfera do ser, porque tanto a qualidade como um todo quanto a quantidade como um todo surgem *através e graças* uma à outra.” (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor, tradução nossa). No idioma original: “Qualitative categories, such as something and other, are initially understood to be immediately distinct. It now becomes apparent, however, that there is in truth no simple immediacy in the sphere of being, because both quality as a whole and quantity as a whole arise *through and thanks* to one another.” (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor).

²¹ No idioma original: “This being the case, one crucial task of Essence must be to change its own notion of a determination (the feature of any category whose explicit relation to otherness was only *implicitly* a fullself-relation) into that of a ‘particular’ — that of a limited structure in which, nevertheless, the whole establishes itself as a whole.” (CIRULLI, 2006, p. 6, itálico do autor).

autossustentação. Esse movimento de identificação altera a esfera lógica e nos leva à esfera do conceito. Com isso, ser e essência mostram-se, ao final do processo, como duas “substâncias” que pertencem à mesma unidade, uma substância absoluta. Esta, por sua vez, é justamente o conceito. O ser e a essência são, portanto, melhor entendidos como formas da substância absoluta. Nas palavras de Hegel:

A substância absoluta, diferenciando-se de si como forma absoluta, não se repele mais de si enquanto necessidade nem se divide, enquanto contingência, em substâncias indiferentes, externas umas às outras, mas se *diferencia, por um lado*, na totalidade – a substância anteriormente passiva – que é o originário como a reflexão dentro de si a partir da determinidade, como todo simples, que contém seu *ser posto* dentro de si mesmo e *está posto* como *idêntico consigo na determinidade: o universal*; – *por outro lado*, na totalidade – a substância anteriormente causal – como na reflexão que vai da determinidade dentro de si para a determinidade negativa, a qual, assim, como a *determinidade idêntica consigo*, é igualmente o todo, mas está posta como a *negatividade idêntica consigo*, é igualmente o todo, mas está posta como a *negatividade idêntica consigo: o singular*. (HEGEL, 2017, p. 240, itálico do autor).

A esfera do conceito é a esfera da liberdade, na qual o em si e o para si unificam-se. Entendemos que o conceito como substância absoluta se assemelha ao conceito inteiro. O conceito inteiro não é o conceito oposto ao ser, mas o conceito que abrange o ser. Do mesmo modo é a substância absoluta, que unifica duas “substâncias” separadas: ser e conceito. A substância absoluta, assim, é a substância que é ser e conceito.

6. Considerações finais

É interessante notar que a substância absoluta está lá desde o começo. O ser é justamente porque é parte da substância absoluta, o conceito é justamente porque é parte da substância absoluta. Todavia, apesar de estar lá desde o início do processo lógico, a substância absoluta é evidenciada epistemologicamente apenas nos momentos finais deste processo.

Na exposição da *Ciência da Lógica* de Hegel, o que aparece primeiro – por exemplo, o ser – é mais geral e mais carente de determinações precisas. O que vem na sequência, por sua vez, explica e enriquece o que veio antes. O conceito como substância absoluta é o conceito que se desdobrou em ser, essência e retornou a si. Nessa medida, a

substância absoluta é aquilo que possibilita a existência de todos esses âmbitos (ser, essência, conceito).

As noções de conceito como *substância absoluta* e como *conceito inteiro* nos parecem imprescindíveis para entender o projeto lógico de Hegel. Esse não é nosso principal objetivo aqui, logo não entraremos nas minúcias da questão. Todavia, gostaríamos de enfatizar essas duas noções do conceito (como *substância absoluta* e como *conceito inteiro*), pois entendemos que elas explicam a ligação, que Hegel faz, da lógica com a metafísica e, conseqüentemente, a ligação entre as esferas lógicas.

A afirmação de que o conceito é inteiro e, portanto, é substância absoluta, elucidada, ainda mais, a união da lógica com a metafísica. Contudo, essa união se dá por meio da subsunção da metafísica à lógica. A lógica passa a abarcar a metafísica, não o inverso. Ou seja, não é qualquer tipo de ligação que há entre elas.

Ao nosso ver, é cabal que há metafísica na filosofia de Hegel. Entretanto, é preciso determinar que espécie de metafísica é essa. O artigo não se debruçou detalhadamente sobre esse ponto, visto que não faz parte do nosso principal objetivo, portanto, não possuímos uma posição firme sobre isso. Mas julgamos fundamental perceber que, nesse processo de união das duas disciplinas, a lógica é predominante em relação à metafísica, visto que é ela que apreende a metafísica. Essa apreensão é importante para julgar em que medida há objetividade metafísica na lógica de Hegel.²²

Mas, afinal, o que é a *Doutrina da Essência*? Sucintamente, com base no que foi exposto nas seções deste artigo, essa pergunta pode ser respondida do seguinte modo: a *Doutrina da Essência* é a esfera de mediação entre a *Doutrina do Ser* e a *Doutrina do Conceito*. A *Essência* é a esfera que encontra-se no meio, de um lado está o *Ser* e do outro lado o *Conceito*. Mas o que significa essa mediação, que é a *Essência*? A mediação da *Essência* é justamente a *conexão* que ela possibilita entre dois polos (*Ser* e *Conceito*) que, em uma primeira avaliação, parecem antagônicos. Assim, a *Essência* é a *ponte* que permite a ligação entre essas duas esferas (*Ser* e *Conceito*). Mas como essa mediação se dá? A mediação se inicia após a insuficiência do ser em estabelecer-se por si mesmo. Por conta de sua incapacidade em manter-se firme, o ser recorre a sua própria interioridade. Ou seja, a *Essência* aparece como parte central da *interiorização* do ser, que ruma em direção ao conceito. Nas seções anteriores, procuramos mostrar como o conceito, no final do processo lógico, será entendido como a substância absoluta, na qual o ser é parte. A

²² Se é a lógica que prevalece, o “ser”, que é abarcado pelo conceito, é indubitavelmente ser do mundo ou “mero” ser da consciência?

Essência é um dos degraus que permite que se alcance a substância absoluta como o conceito inteiro. Mas por que a *Essência* ainda é incluída na lógica objetiva? Segundo Hegel, a essência ainda não alcançou a subjetividade, que é característica apenas do conceito. A *Essência*, que surge como interiorização do ser em busca de sua própria correção, ainda está em referência constante ao ser, portanto, presa à exterioridade, logo, presa à objetividade. Portanto, ela não poderia ser alocada na lógica subjetiva, pois ainda não atingiu o grau de subjetividade requerido.

Referências

- BERTI, E. **Contradição e dialética nos antigos e nos modernos**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013.
- CIRULLI, F. **Hegel's Critique of Essence: A Reading of the Wesenslogik**. New York: Routledge, 2006.
- DÜSING, K. **Das Problem der Subjektivität in Hegels Logik: systematische und entwicklungsgeschichtliche Untersuchungen zum Prinzip des Idealismus und zur Dialektik**. Bonn: Bouvier, 1976.
- HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica: 3. A Doutrina do Conceito**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2018.
- HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2017.
- HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2016.
- HENRICH, D. **Hegel im Kontext**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.
- HÖSLE, V. **Hegels System: Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität**. Hamburg: Meiner, 1987.
- HOULGATE, S. Essence, Reflexion, and Immediacy in Hegel's Science of Logic. In: HOULGATE, S.; BAUR, M. (Eds.). **A Companion to Hegel**. Oxford: Blackwell, 2011, p. 139-158.
- IBER, C. G. O desenvolvimento da essência como reflexão e a lógica das determinações de reflexão – Parte I. **Ipseitas**, v. 1, n. 1, 2015, p. 60-68.
- NOVELLI, P. G. A. **O idealismo hegeliano e o materialismo marxiano: aproximações e distanciamentos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.
- ROSS, N. Metafísica. In: BAUR, M. (Ed.). **G. W. F. Hegel: conceitos fundamentais. Tradução de José Maria Gomes de Souza Neto**. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 48-63.
- SILVA, G. R. **A contradição na Doutrina da Essência de Hegel**. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2023. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/244064>>. Acesso em: 01 de agosto de 2023.

Recebido em: 31/07/2023

Aprovado em: 23/11/2023